

Cultura: objeto social de transformação da sociedade

Culture: an social object of society transformation

Resumo

A cultura é importante no processo de dominação econômica de um padrão de poder no mundo. A classe burguesa tem o controle da divisão do trabalho entre a colonização de outras identidades culturais e territórios, e o domínio do capitalismo. Analisar esse histórico é importante para entender que as classes dominadoras sempre tiveram o objetivo de inibir os trabalhadores de exercerem o pensamento crítico, afastando-os do acesso aos meios culturais e da participação nas formas de criação da arte.

Palavras-chave: Cultura; classes sociais; divisão do trabalho; capitalismo

Abstract:

Culture is important in the process of economic domination of a worldwide pattern of power. The bourgeois class has had control over the division of labor through colonization of other cultural identities and territories, and the rule over capitalism. Analyzing this history is important to understand that the dominant classes have always had the objective of inhibiting workers from exercising critical thinking, preventing access to cultural means, and participation in the forms of art creation.

Keywords: Culture; Social classes; labor division; capitalism

1 – Introdução

Atualmente cultura é definida como algo fútil, desnecessário e tida apenas para diversão. É mercadoria, por exemplo, as vendas de shows e espetáculos que pode-se considerar como *cultura de massa*. Já a cultura reconhecida como bons modos, ou maneiras de comportamento na sociedade são tidos como *cultura de distinção*, ou “alta cultura”.

Cultura vem do Latim (colo, colore), significa cultivar a terra. Ainda hoje observamos esse termo ligado à agricultura, floricultura, conceitos que remete ao lavrar, brotar, produzir algo. Ou seja, cultura está ligada à produção, conseqüentemente ao trabalho.

Mesmo antes do século XVIII à cultura designamos as idéias da memória, linguagem e identidade. Depois se associou como arte, literatura, ciência e filosofia. Portanto a idéia de cultura nesta forma é fruto da relação da produção e trabalho humano.

Esta idéia de cultura também se associou as distinções estabelecidas entre os indivíduos de uma sociedade. Ou seja, uma distinção social de classe. Divididas entre as pessoas que “tinham” cultura, as cultas, que tinham uma “boa educação” e boas etiquetas. Do outro lado, os trabalhadores que não tinham acesso a educação, considerados assim, os “sem cultura”. Gerando preconceitos e discriminações de classe, que vimos até hoje.

Por isso, esse conceito de cultura foi separado desta produção e trabalho humano. Demarcou ainda mais a divisão das classes sociais, tendo também a divisão do trabalho como determinante. Esse processo acentuado no capitalismo impôs um modo de vida regulador do cotidiano, principalmente dos trabalhadores. Assim, a classe trabalhadora desconhece como classe produtora e se aliena do processo de produção e ver seu parceiro de trabalho como concorrente. A cultura no capitalismo produz então, a competição, o individualismo e a divisão dentro da classe.

Observamos isso em todos os meios de comunicação que disseminam a arte, por exemplo, as novelas, teatro, filmes, reproduzem essa idéia de cultura. A cultura é tratada como mercadoria é vendida para alienar e “divertir” a população. Uma

estratégia para amenizar a realidade sentida da exploração dos trabalhadores. Algo que não nos faz pensar e criticar os problemas vividos pelos explorados.

A cultura, assim como saúde, educação, virou só mais um produto para lucrar e ser consumido. Portanto a cultura é reduzida ao cinema, teatro, dança etc. Mas estes são apenas resultado final apresentado no mercado cultural. Cultura é modo de vida, são expressões advindas da produção humana. Tem caráter simbólico, subjetivo, artístico, filosóficos e científicos, trazem noções que norteiam as relações sociais e comportamentos, encontradas em nosso cotidiano. Está presente nas memórias, identidades, faz parte do passado, mas cria, transforma e reinventa o presente e o futuro.

Neste artigo traremos a idéia de cultura, fazendo a trajetória desde sua origem aos tempos de hoje, para mostrar como essa cultura foi transformada, e é reconhecida na atualidade. Também abordaremos essa relação da cultura com a divisão social do trabalho, o que a produção humana contribui para o desenvolvimento da cultura.

2 – Um diálogo acerca da cultura, divisão do trabalho e pensamento crítico.

Para Bauman (2013) a cultura é nascida ao ideal iluminista¹ e relacionada ao cultivo. Apontava que a cultura serviria como elemento de esclarecimento, da formação do povo, podendo atingir altos níveis de conhecimento. Considerava que quem tinha cultura era culto, e tinham melhores condições na sociedade, tendo a responsabilidade de formar os outros “sem cultura”.

“Segundo o conceito original, a "cultura" seria um agente da mudança do status quo, e não de sua preservação; ou, mais precisamente, um instrumento de navegação para orientar a evolução social rumo a uma condição humana universal. O propósito inicial do conceito de "cultura" não era servir como registro de descrições, inventários e codificações da situação corrente, mas apontar um objetivo e uma direção para futuros esforços. O nome "cultura" foi atribuído a uma missão proselitista, planejada e empreendida sob a forma de tentativas de educar as massas e refinar seus costumes, e assim melhorar a sociedade e aproximar "o povo", ou seja, os que estão na "base da sociedade", daqueles que estão no topo. A "cultura" era associada a um "feixe de luz" capaz de "ultrapassar os telhados" das residências rurais e urbanas para atingir os recessos sombrios do

¹ Uma construção ideológica construída no desenrolar da Revolução Francesa que acreditava que o conhecimento verdadeiro se dava pelos sentidos, estabelecida entre a razão e a ciência. Essa seria a forma mais verdadeira de conhecer o mundo.

preconceito e da superstição que, como tantos vampiros (acreditava-se), não sobreviveriam quando expostos à luz do dia.” (BAUMAN, 2013 p. 12)

Bauman (2013) refuta que a cultura cumpria um papel de mudança do status quo, das classes baixas para elite, contrariando a esta perspectiva, Karl Marx (apud ENGELS, F. & MARX, K. 2010) propõe que a mudança deveria ser social, que a arte e cultura só fazia sentido se fosse material, se tornasse uma arte humana, social, tornando assim o homem, nesse processo, um ser social.

“O homem não se perde em seu objeto somente quando o objeto se tornar, para ele, objeto *humano* ou homem objetivo. Isto só é possível quando o objeto se torna para ele um objeto *social*, ele próprio se torna um ser social, assim como a sociedade se torna ser – para ele neste objeto. ” (K. Marx, 2010 p. 134)

Já Friedrich Engels (apud ENGELS, F. & MARX, K. 2010) escreve sobre a escravidão na antiguidade e a cultura mundial, trazendo a perspectiva de cultura desde aquela época. O autor relata de antes do Iluminismo a construção da Arte na sociedade. Conta que naquela época a escravidão cumpria um papel para o desenvolvimento econômico:

“Jamais deveríamos esquecer que todo nosso desenvolvimento econômico, político e intelectual teve como condição prévia uma situação em que a escravidão não era apenas uma instituição necessária, mas aceita e reconhecida de um modo geral. ” (Engels, F. 2010 p. 178)

A escravidão constituída como forma de comercialização do trabalho humano, surgiu com o objetivo de dominar territórios, comercializar mercadorias e centralizar o poder. No mundo feudal existia servidão e os trabalhadores, que eram majoritariamente camponeses, trabalhavam nas terras de seus senhores feudais.

Na Europa depois de revoluções burguesas em meados dos séculos XV e XVI, os camponeses foram expulsos das terras de forma violenta, dando fim a classe da nobreza, criando as bases do modo de produção capitalista, tornando os camponeses em trabalhadores assalariados e conseqüentemente transformando os seus meios de trabalho em capital.

Engels (apud ENGELS, F. & MARX, K. 2010) afirma que só era possível uma divisão do trabalho a partir da escravidão, entre as massas que faziam o trabalho manual e os privilegiados que dirigiam este trabalho, do comércio, negócios, mais tarde o cultivo da arte e da ciência. Esse processo no mundo antigo, mais

precisamente no mundo grego partiu para o avanço do antagonismo entre classes, devido ao processo de escravidão que apesar para alguns os escravos representava um progresso, pois para eles, que foram presos da guerra, aceitaram esta condição para não morrerem, e preservavam a vida neste trabalho.

“Inventou-se a escravidão. Esta não tardou a tornar-se a forma predominante da produção em todos os povos que já tinham ultrapassado os limites das comunidades primitivas para terminar, enfim, convertendo-se numa das causas principais da sua dissolução. A escravidão tornou possível a divisão do trabalho em maior escala na agricultura e na indústria e graças a ela floresceu o mundo antigo - o helenismo. Sem a escravidão, o Império romano não teria existido. E sem as bases do helenismo e do Império romano, tampouco haveria de constituir-se a Europa moderna.”(Engels, F. 2010 p. 178)

Por isso, as formas econômicas são determinantes para a dominação, controle e repressão das formas de produção do conhecimento dos povos colonizados e das classes trabalhadoras.

“É que, sob a ordem do capital, a cotidianidade aparece como espaço de *alienação*: alienação que primeiramente, desapropria o produtor dos seus produtos (*exploração*), em segundo lugar, afasta o trabalhador do controle e do conhecimento do processo de trabalho (*subsunção real*), assim como torna incompreensível aos indivíduos o conhecimento crítico da sua própria vida (*reificação*).”(MONTAÑO, C & DORIGUETTO, M.L. 2010 p. 100) (*grifos dos autores*)

No avançar do tempo, com a dominação da Europa sob outras regiões do mundo, como América e África, surge a escravidão como comércio de mercadorias, e tráfico humano, somado a mais um elemento determinante de exploração, a identidade social, política e geográfica dos novos povos, tornando assim a sede central do capitalismo e de controle de poder; impondo o domínio colonial sobre todas as regiões e povos do planeta.

A Europa concentrou o controle sobre a subjetividade, produção do conhecimento e da cultura de outras populações. Com uma ideia eurocêntrica, fez o mundo acreditar que a Europa, e os europeus formavam a raça superior das demais e que eram os únicos criadores de conhecimento e protagonistas da atualidade.

“Essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial, em outras palavras, determinou a geografia social do capitalismo: o capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Isso o tornava dominante sobre todas elas e dava caráter capitalista ao conjunto de tal estrutura de controle de trabalho.

Mas ao mesmo tempo, essa relação social específica foi geograficamente concentrada na Europa, sobretudo, e socialmente entre os europeus em todo o mundo do capitalismo. E nessa medida e dessa maneira, a Europa e o europeu se constituíram no centro do mundo capitalista.” (QUIJANO, Aníbal. 2005 p. 120)

Portanto, a partir daí, o capitalismo nesse período nasce como modo de produção global, estruturalmente articulado, tornando assim o modo de produção dominante no mundo.

As identidades culturais e sociais dos povos foram determinantes para divisão do trabalho no mundo. Um exemplo desse processo é que enquanto na Europa se tinham os brancos, possuidores dos meios de produção e do poder econômico, do outro lado, populações reprimidas violentamente com seus territórios invadidos e culturas saqueadas, obrigadas a trabalharem de graça.

No desenvolvimento da relação capital-trabalho como forma específica de controle de trabalho, o trabalho assalariado era exclusivo dos brancos mesmo nos territórios não-europeus, então o trabalho se dividia conseqüentemente pela identidade que o indivíduo carregava.

Bauman vai explicar que o processo de migração de pessoas fez parte da definição das identidades culturais dos territórios e do processo de modernização do mundo. Para isso ressalta três fases:

- 1) Migração de 60 milhões de pessoas naquela época (colonização das “terras livres”) dizia a única área (Europa) em “processo de modernização”.
- 2) Os nativos que seguiam os “colonizadores” quando voltavam para terra natal, se constituindo a minoria da população, seguindo o modelo estratégico da Europa, da assimilação.
- 3) É a era das diásporas, são colônias étnicas vivendo na lógica da globalização. Diferentes das outras, com característica colonial, essa tem fronteiras abertas à migração.

Essa última fase nos coloca o questionamento entre os conceitos de identidade e nacionalidade, e o lugar de vida e sua identidade cultural. A cultura é diversa, os modos de vida também. Bauman fala que esses modos de vidas não necessariamente são coordenadas e vão na mesma direção. Comenta que as

hierarquias nessas direções, de teses estáveis e inquestionáveis são trocadas pela disputa de ser apenas diferente.

“O objetivo será manter a mente dos proletários concentrada em outras coisas - manter os 75% mais pobres dos Estados Unidos e os 95% mais pobres da população mundial ocupados em hostilidades étnicas e religiosas e em debates sobre costumes sexuais. Se os proletários puderem se distrair de seu próprio desespero por pseudo eventos criados pela mídia, incluindo ocasionais guerras curtas e sangrentas, os super-ricos pouco terão a temer.” (Richard Rorty apud BAUMAN, 2013 p. 43)

Para Quijano a modernidade é um conceito ambíguo, pois desconstrói a ideia que a história da modernização deu origem com a constituição da Europa. Ele define a modernidade como uma junção do velho e novo mundo, pois tentam desconsiderar toda construção histórica de regiões, culturas e povos de antes da formação da Europa Ocidental como é conhecida atualmente. Ou seja, houve uma distorção temporal, colocando tudo que era não-europeu como passado, primitivo e tradicional, se opondo ao moderno e civilizado.

“O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas.”(QUIJANO, Aníbal. 2005 p. 122)

A divisão do trabalho aqui não é mais só em uma localidade, mas em todas regiões do mundo, formando as classes sociais a partir de um domínio do capital e também de território, raça, modo de vida, política etc. Para isso, o poder econômico mundial testou estratégias para estabelecer a “interação” e convivência com diversos povos dividindo suas culturas nos mesmos territórios, existindo hierarquia social entre elas, claro!

O Multiculturalismo, por exemplo, foi uma tática dos poderosos em mascarar essas diferenças, tudo em prol do desenvolvimento do capitalismo e o lucro do capital. Bauman vai definir este conceito como “as únicas atividades que poderiam reduzir ou superar de toda a fragilidade atualmente crônica dos poderes convocados a caracterizar a mudança social” (BAUMAN, 2013 p. 45). Para ele, o multiculturalismo hoje se dar como uma força conservadora, embora seu impulsionador seja a

transformação da desigualdade social, se apresenta como um disfarce de “diversidade cultural”.

As culturas são colocadas no mesmo bolo, sem fazer distinção de classe, portanto, quando se aborda o multiculturalismo é impossível abraçar todas as culturas. Para ele essa noção de multiculturalismo virou uma “marionete de uma globalização ‘negativa”.

“O multiculturalismo” é hoje a resposta mais frequente das classes instruídas, influentes e politicamente importantes quando se pergunta que valores cultiva e que direção seguir em nossa era de incerteza. Essa resposta é elevada ao status de cânone da “correção política” e, além disso, se transforma num axioma que não exige fundamentação nem prova; ela torna-se os prolegômenos peculiares a todas as outras considerações a respeito de escolhas da linha política, uma doxa fundamental, ou seja, o conhecimento que nos ajuda a pensar, mas que raramente se torna objeto de nossos pensamentos.” (BAUMAN, 2013 p. 48)

Nessa perspectiva, quem propõe o multiculturalismo enxerga os problemas do mundo se resolvendo. Mas é mais um mecanismo de individualização e jogo de responsabilidade para os indivíduos que caem nessa fé como se fossem um refúgio que Bauman chama de “ideologia do fim da ideologia”.

A crítica do autor ao multiculturalismo remete a um modelo que tem a sua gênese na mobilidade humana - seja por aspectos econômicos ou motivada por deslocamentos ligados a heranças coloniais - e que ascendeu pela necessidade de justificar a emergência de diferentes identidades em países até então culturalmente “homogêneos”. O discurso do multiculturalismo surge, assim, quando após intensos incentivos à mobilidade humana para a ocupação de postos de trabalho e formação de um “exército de mão-de-obra” nos países centrais, a visão dos imigrantes como trabalhadores temporários passa a se modificar.

Articulados aos movimentos sindicais, demandando serviços públicos e uma maior integração sua e de suas famílias, a força de trabalho que era planejada como uma satisfação de uma demanda temporária, se tornava progressivamente permanente. Assim, países como a França e a Alemanha, que viam filhos de imigrantes, nascidos e educados nesses países, como “imigrantes de segunda geração” se depararam com uma progressiva demanda por direito por parte desses grupos. Nesse contexto, o multiculturalismo foi uma resposta de forma a harmonizar

tensões e criar identidades híbridas, que não eram iguais as nativas, mas também não eram imigrantes: franco-argelinos e turco-alemães necessitam ser aceitos como os cidadãos desses países de forma a respeitar suas diferenças e identidades, mas também reconhecê-las.

Para isso Bauman propõe o “multicomunitarismo” pois para ele é um conceito que respeita as diferenças e tocaria no problema social não só como um problema a ser resolvido com essa “diversidade cultural” maquiada promovida pelas classes dominantes, mas dada as mesmas condições para amenizar as condições materiais dos grupos e o respeito entre esses.

Já Marx e Engels propõe o fim da propriedade privada, diminuição da jornada de trabalho e conseqüentemente o fim da divisão de trabalho imposta pelo capitalismo, para que os trabalhadores não se vejam mais presos aos seus meios de vida.

“Com efeito, a partir do momento em que o trabalho começa a ser dividido, cada homem se move num círculo exclusivo de atividades, que lhe é imposto e do qual não pode escapar; o homem torna-se caçador, pescador, pastor ou crítico e não tem outra alternativa que continuar sê-lo - se não quiser ver-se privado dos seus meios de vida - , ao passo que, na sociedade comunista, onde cada indivíduo não tem um círculo exclusivo de atividades, mas pode desenvolver suas aptidões na direção que melhor lhe aprouver, com a sociedade encarregando-se de regular a produção geral, então se torna realmente possível que posso dedicar-me hoje a isto e àquilo amanhã, que possa caçar pela manhã, pescar à tarde e à noite apascentar o gado e, depois jantar, se quiser, praticar a crítica, sem necessariamente torna-se, em exclusivo, caçador, pescador, pastor ou crítico.”(Marx, K. & Engels, F. 2010 p. 139)

É possível concluir deste processo, nesta divisão de trabalho, que as culturas dominadas eram consideradas inferiores e por isso incapazes de receberem pela sua produção de trabalho. Essa ideia levou a milhares de indígenas, negros e mestiços ao genocídio. Isso portanto levou também a construção de novas identidade culturais.

“No curso da expansão mundial da dominação colonial por parte da mesma raça dominante –os brancos (ou do século XVIII em diante, os europeus)– foi imposto o mesmo critério de classificação social a toda a população mundial em escala global. Conseqüentemente, novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos e azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços. Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e

logicamente com os postos de mando da administração colonial.” (QUIJANO, Anibal. 2005 p. 119)

Ou seja, o controle do trabalho com o aspecto da raça, estavam estreitamente articuladas, uma forma naturalizada, podendo associar um determinado tipo de trabalho com o grupo específico dominado. Portanto, apenas a classe possuidora dos assuntos comuns da sociedade, entre eles a arte, poderia desenvolver suas atividades. A classe trabalhadora não tinha esse tempo. E esse processo foi passando em cada modelo econômico instaurado no desenvolvimento das sociedades.

“E seja dito, uma vez que a ocasião é propícia, que até hoje todos os antagonismos históricos entre classes exploradoras e exploradas, dominantes e oprimidas, tem a sua explicação na própria produtividade relativamente pouco desenvolvida do trabalho humano. Enquanto a população realmente trabalhadora, absorvida por seu trabalho necessário, não dispôs de nenhum momento livre para dedicar a gestão dos assuntos comuns da sociedade [...] tinha que existir, forçosamente, uma classe especial, que livre do trabalho efetivo, se dedicasse a tais assuntos, classe que não podia nenhuma oportunidade para impor novas e novas cargas de trabalho às massas trabalhadoras, explorando-as em proveito próprio.” (Engels, F. 2010 p. 179)

É percebido que a escravidão foi a primeira forma de propriedade do homem sobre o trabalho do outro. Como afirma Marx: “a divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas: o que uma diz em relação à atividade, a outra diz em relação ao seus produtos.” (MARX, K. 2010 p. 139)

Assim, quando começa a divisão do trabalho, também é dividido o conjunto de atividades na sociedade. Cada homem e mulher pertence agora a um grupo de trabalho, que lhe é imposto como exclusividade. As atividades sociais são cristalizadas a aquilo que o indivíduo foi designado a seguir no seu trabalho. Impossibilitando que desenvolva outras aptidões que tenha interesse e desejos.

“E, enfim, a divisão do trabalho nos oferece já o primeiro exemplo de como, enquanto os homens vivem em uma sociedade natural, enquanto, pois, ocorre uma separação entre o interesse particular e o interesse comum, enquanto, por consequência, as atividades não são divididas voluntariamente, mas de modo natural, a própria ação do homem se erige diante dele como um poder alheio e hostil, um poder que o subjuga em vez de ser controlado por ele.” (MARX, K. 2010 p. 139)

Só é possível, as massas, realizarem alguma atividade artística e cultural, após o fim da escravidão e o surgimento da indústria, onde pôde diminuir a jornada de

trabalho, com o crescimento das forças produtivas, tendo tempo livre para participar desses assuntos coletivos da sociedade.

“Somente o advento da grande indústria, com seu gigantesco crescimento das forças produtivas, pode permitir que o trabalho se distribua sem exceção entre todos os membros da sociedade, reduzindo a jornada de trabalho do indivíduo a limite que deixam a todos o suficiente tempo livre para intervir - teórica e praticamente - nos assuntos coletivos da sociedade.”(Engels, F. 2010 p. 180)

Mesmo assim, ainda hoje os trabalhadores têm um tempo muito limitado, mesmo com o avanço da indústria, no capitalismo flexível do século XXI, os trabalhadores ainda são limitados de seu tempo para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais.

Não nos é permitido locais acessíveis, nem tempo. Se formos observar as condições de trabalho percebemos que a única atividade assistida é a novela e futebol, vamos para o trabalho, a maioria das pessoas passam em média 2 horas para ir e voltar no transporte público², trabalham 8 horas ou mais e para mulher ainda fica mais difícil pois divide o pouco tempo que lhe resta nas tarefas domésticas e filhos. Um cotidiano completamente ocupado e direcionado exclusivamente ao trabalho.

“Havia o gosto das elites, naturalmente relacionado à "alta cultura", o gosto médio ou "filisteu", típico da classe média, e o gosto "vulgar", venerado pela classe baixa. Misturá-los era tão difícil quanto juntar fogo e água. Talvez a natureza odeie o vácuo, mas a cultura, definitivamente, não tolera a *mélange*. ” (BAUMAN, 2013 p. 10)

O modo de vida vivido hoje não é muito diferente do que Bauman e Engels expressam no período Iluminista, as classes não se misturavam, nem suas culturas eram produzidas juntas. Quem tinha o domínio e o poder dessa produção eram as classes altas mas o próprio artesanato, feito pelos artesãos, trabalhadores, eram comandados pelos filisteus. R. Jones citado, na obra de Marx fala da arte entre os povos asiáticos antigos:

“Na Antiguidade, estes Estados orientais, depois de custear suas despesas civis e militares, dispunham de um excedente de meios de subsistência que podiam destinar a obras úteis e esplendorosas. Já que o seu comando se estendia sobre os braços de quase toda a população não agrícola [...] e o controle daquele excedente cabia exclusivamente ao monarca e aos sacerdotes, estes possuíam os meios necessários para erguer aqueles monumentos gigantescos que espalhavam pelo país. [...] Para mover

² Dados coletados pelo Ibope e Rede Nossa São Paulo em Setembro de 2019 mostrou que a média diária que um paulistano usa o transporte é de 2h25.

aquelas estátuas colossais e aquelas enormes massas, cujo transporte provoca espanto, utilizou-se sem limites trabalho humano e quase que só trabalho humano. [...] Bastava o número de trabalhadores arrematados e a concentração dos seus esforços. [...] Empreendimentos semelhantes seriam impossíveis sem a concentração, em uma ou em poucas mãos, das receitas de que viviam os trabalhadores. ” (Jones, R. 1852 apud Marx, K. & Engels, F. 2010. p. 172)

Para estes autores todo esse processo nos remete a um contexto e uma forma de sociedade. O que trazem Marx e Engels da idade antiga, o poder dos reis asiáticos e egípcios ou dos teocratas trouxe para a sociedade moderna e transferiu para os capitalistas. Bauman define como cultura no mundo líquido, na atualidade, a modernidade líquida.

Na modernidade líquida, o termo “líquido” seria para justificar uma “modernização compulsiva”. Que as condições que vivemos hoje nessa modernidade é dissolúvel.

A cultura em tempos de modernidade líquida é individualizante: “Na ausência de qualquer expectativa de revisão fundamental da ordem social, está claro que todo grupo humano é obrigado a encontrar por si mesmo seu próprio lugar nas estruturas líquidas da realidade, e aguentar as consequências de sua escolha.” (BAUMAN, 2013). Tendo a função de responsabilizar os indivíduos pelas suas escolhas, essas seriam necessidades e deveres da vida. E as consequências dessas escolhas também são colocadas para os ombros desses indivíduos.

“A nossa é uma sociedade de consumidores, em que a cultura, em comum com o resto do mundo por eles vivenciado, se manifesta como arsenal de artigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes, todos tentando prender essa atenção por um período maior que a duração de uma piscadela” (BAUMAN, 2013 p. 18)

A cultura na modernidade líquida não serviria como uma arte libertadora, mas pelo contrário, para atrair e seduzir, consumidores de tal produto. A arte vira mercadoria e os espectadores, consumidores. A cultura não satisfaz mais necessidades existentes, faz-se criar outras necessidades, cumprindo apenas o papel de neutralizar a satisfação total dos indivíduos consumidores, ou seja, serviria como elemento de alienação da sociedade, “o que não deixaria espaço para outras necessidades e fantasias novas, ainda não alcançadas”. (BAUMAN, 2013 p. 21)

O que Marx retrata em sua obra conflui muito com este pensamento, no aspecto da necessidade e o sujeito. A cultura na modernidade líquida, seria mercadoria e não apenas um objeto para o sujeito, mas também, o sujeito se molda para ter/ser o objeto.

“A produção [...] não se limita apenas a oferecer um objeto material à necessidade – também oferecer uma necessidade ao objeto material. Quando o consumo se libera da sua grosseria primitiva e perde seu caráter imediato (e o fato mesmo de permanecer preso a ele seria ainda o resultado de uma produção prisioneira de um estágio de grosseiro primitivismo), o próprio consumo, como impulso, tem o objeto como mediador. A necessidade que experimenta desse objeto é criada pela percepção dele. O objeto da arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de compreender a arte e de fruir a sua beleza. Portanto, a produção não produz somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto.” (Marx, K. 2010 p. 137)

Então os meios de produção, seja ela a mais rudimentar, chega a sua forma mais perfeita pela transformação através do trabalho humano. Ou seja, somente assim, a realização de um produto final parte do ser humano e de seu trabalho. Explica Engels,

“Assim, a mão não é somente o órgão do trabalho: é igualmente um produto dele. Somente pelo trabalho, por sua adaptação a manipulações sempre novas, pela herança do peculiar aperfeiçoamento assim adquirido, dos músculos e tendões (e, em intervalos mais longos, dos ossos) e pela aplicação sempre renovada desse refinamento herdado a novas e mais complexas manipulações - somente assim a mão humana alcançou esse alto grau de perfeição mediante o qual lhe foi possível realizar a magia dos quadros de Rafael, das esculturas de Thorvaldsen e da música de Paganini.” (Engels, F. 2010 p. 137)

Mas toda essa produção é comercializada e transformada apenas em produto vendável. Portanto, todo trabalho produtivo no capitalismo gera capital mesmo que o produto não seja material. É o caso do trabalho intelectual, arte, cultura. Os artistas que produzem a sua arte e são contratados por uma casa de show, por exemplo, ou seja, ganha-se dinheiro neste trabalho, está gerando capital para o empresário da casa de show, então o produto do seu trabalho torna-se mercadoria.

Contraditoriamente, a arte popular desenvolvida por setores, coletivos ou indivíduos populares - popular na definição: povo pobre³ – dificilmente é propagada

³ “A questão aqui não é o termo “popular”, que muitos cordelistas têm orgulho de proferir, mas a forma como foi designado, enquanto adjetivo que define o cordel, bem como quem o designou, no caso, a classe dominante. Para essa classe, o popular tem caráter folclórico. Nessa perspectiva, o

ou divulgada. Pois, quando não são apropriadas pelo capital, apenas fica no mesmo meio onde foi criada e de pouco acesso a mais pessoas como Marx expressa acima: “sujeito para o objeto”.

“As relações sociais na sociedade capitalista se tecem pelo fio das contradições e conflito de classe. É nesta arena de antagonismo que a cultura de resistência é forjada, é erguida e vivida, contrapondo-se à cultura dominante, que reitera formas de subalternidade que tendem a homogeneizar, desenraizar e anular identidades, além de obstaculizar a formação da consciência crítica dos indivíduos.” (LIMA, A. 2012, p. 66)

No movimento cultural se discute muito o incentivo do Estado nas artes populares. Em São Paulo, por exemplo, as leis de incentivo são destinadas verbas para iniciativas privadas onde promovem eventos e atividades culturais com dinheiro público, abatendo sua metade em isenções de impostos, girando a roda do capital, uma grande parte desviadas e bem pouco investido na propagação cultural, mas ainda esse pouco se quer a classe trabalhadora tem acesso, pela falta de informação e como já discorremos, falta de tempo para se dedicar ao trabalho intelectual, mesmo não sendo os protagonistas.

Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Cultura em 2009 e publicados pela Rede Nossa São Paulo em 2010, a relação de distritos municipais e equipamentos culturais: 61% dos distritos não têm Centros Culturais, espaços e casas de cultura; 61% não têm cinemas; 74% não têm museus; 54% não têm salas de show e de concerto; 56% não têm teatros; 44% não têm pontos de cultura.

Além disso vimos uma discrepância de valorização da cultura elitizada e das periferias. Como também o desvio de dinheiro público é absurdo. Em 2016 teve a denúncia de desvio de 18 milhões de reais que seria destinado para o Teatro Municipal de SP causando déficit de R\$ 28 milhões. O acesso ao Teatro Municipal já é muito restrito, sempre foi, um grande número de trabalhadores não sabe nem que existe ou nunca entraram, as periferias não têm acesso, nem estão munidas de pontos de cultura ou investimento da cultura produzida por artistas desses bairros.

que é popular não possui estética, não é dotado dos atributos identificados nas linguagens artísticas. No entanto, em português, o adjetivo “popular” deriva do substantivo “povo”. (Conceito trabalhado em minha dissertação de mestrado: Cordelistas: trajetórias e transformações do cordel. 2018 p. 20)

A última pesquisa da Rede Nossa São Paulo em Abril de 2019, trouxe-nos números preocupantes: “Segundo a pesquisa, o cinema é a atividade que a população mais frequentou nos últimos 12 meses, com 55% de respostas afirmativas. Em segundo lugar, 34% dos paulistanos e paulistanas afirmam que frequentaram festas populares e de rua, e em terceiro lugar, em patamares muito próximos, estão shows (30%), feiras de artesanato (29%) e centros culturais (27%). (...) bibliotecas (20%), museus (19%) e teatro (19%). Já as atividades como espetáculos de dança e concertos estão em níveis mais baixos de frequência, com 8% e 7% respectivamente. Os saraus e slams são frequentados por 5%.” Os motivos de 42% dos entrevistados para participar dessas atividades é pelo preço ser mais acessível. Já 28% dos entrevistados afirmaram não ter frequentado nenhum espaço cultural nos últimos 12 meses. Isso corresponde a 2,7 milhões de pessoas. E mais, o perfil encontrado foram pretos e pardos, com renda familiar menos de dois salários mínimos, pessoas mais velhas e de baixa escolaridade, moradores da região da Zona Leste.

Portanto, o acesso quanto o envolvimento da classe trabalhadora aos meios de arte e cultura são escassos. Em 2016 foi aprovada a lei de fomento de cultura da periferia em São Paulo (nº 16.496/2016) devido ao grande movimento e pressão por parte dos trabalhadores da cultura que moram em periferia, lei essa escrita pela própria população e articulada entre eles. Só assim para periferia ter acesso.

“Assim, a cultura popular é uma aliada no processo de resistência das classes subalternizadas, frente ao poder ideológico dominante que impõe estilos, gostos e modos de ser numa investida poderosa para homogeneizar as práticas culturais, destituindo a memória popular e suas particularidades territoriais.” (LIMA, A. 2012, p. 66)

Porém, não podemos achar que a cultura produzida pela classe trabalhadora, tida como popular, necessariamente de imediato será libertadora e vai tirar os trabalhadores de sua condição de explorados. Ou seja, é preciso um movimento de tomada de consciência por esses sujeitos para que de fato ocorra a transformação.

“A consciência é determinada pela realidade social, e ela é condição para a transformação. A objetividade (da realidade existente) e a subjetividade (dos sujeitos que dela fazem parte) unem-se num único processo. A mera vivência das pessoas sobre a(s) realidade (s) sociais determina um tipo de consciência, mas esta última pode se desenvolver de diversas formas e níveis, em função do tipo de inserção e apreensão na/da realidade, individual, grupal ou humano-genérica.”(MONTAÑO, C & DORIGUETTO, M.L. 2010 p. 98)

E é nesse processo de consciência que a cultura cumpre o seu papel, de objeto de transformação de homens e mulheres. A autora Andrea Lima (2012) afirma que “as práticas culturais são de resistência quando os indivíduos, pelo poder de mobilização e de reflexão que têm, interferem na sociedade por meio dos valores que reproduzem” nas diversas expressões culturais.

Por isso, a cultura que traz a perspectiva da resistência é uma ameaça para a hegemonia da classe dominante. Na medida que incentiva o pensamento crítico começa se questionar, acerca da sociedade capitalista, suas ideologias, suas relações sociais e seu processo de dominação, formando assim uma consciência única do protagonismo que a classe explorada tem na luta de classes e na emancipação humana social.

3 – Considerações finais

O ponto determinante deste artigo foi destacar qual o papel da cultura e como ela se desenvolve ao passar dos tempos e das formas econômicas que existiram no mundo. Esse exercício nos faz perceber que a cultura é tudo que nos cerca, como vivemos e nos relacionamos; é sobre nossos territórios, como foram formados e como a divisão do trabalho é posicionada desde seu surgimento.

Cultura é modo de vida, é identidade, é ciência, é raça e etnia. A cultura faz parte do nosso ser social. É possível perceber que no capitalismo muitas culturas foram acabadas e novas identidades construídas. O capitalismo dividiu territórios, discriminou religiões e colocou diferenças por características físicas de pessoas a favor da construção de uma hegemonia econômica de produção de capital no mundo. Exterminando violentamente quem não participasse do seu grupo. Tentou e ainda tenta mascarar essa diversidade como forma de lucro. Apagou histórias, introjetou ideologias e produziu conceitos para se manterem no comando do poder econômico do mundo. A única coisa que o capitalismo não pode tirar, foi o caráter revolucionário que a classe trabalhadora, na condição de explorada, tem para superar esta ordem vigente.

Os trabalhadores criam diversos mecanismos de resistência. Mesmo que os governos e a classe burguesa empurrem suas ideias e como “representantes” do poder político não deem oportunidades e acessos a população de consumir e produzir

arte. Mas eles cumprem seu papel, de impedir o pensamento crítico e o processo de transformação societário.

Tudo isso por que a classe burguesa se sente ameaçada da maioria da população, os explorados, tomem a chave do mundo, se reconheçam como tal, enfrente sua realidade e não se veja mais privado às outras atividades humanas que não sejam apenas o trabalho. Que possam usufruir de suas aptidões e que tenham tempo para poderem aproveitar a beleza da vida!

4 – Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. 1° ed. RJ: Zahar, 2013.

ENGELS, F. & MARX, K. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. 1° Ed. SP. Expressão Popular, 2010.

Giannini, Alessandro. *Teatro de São Paulo terá menos verbas e mais fiscalização*. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro-municipal-de-sp-tera-menos-verba-mais-fiscalizacao-20732883>> Acesso em 15 de outubro de 2020.

LIMA, A. “Enquanto os homens exercem seus podres poderes”: 50 anos de cultura de resistência. *Revista Inscrita*. Ano 9, Nº13. 2012, p. 66

Marx, K. O capital: crítica da economia política. *Livro 1: o processo de produção do capital*. São Paulo, 2013, p. 789

MONTAÑO, C & DORIGUETTO, M.L. *Estado, Classe e movimento social*. 1ªed. SP: Cortez, 2010.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Rede Nossa São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/Apresentacao_Quadro_da_Desigualdade_em_SP.pdf> Acesso em 15 de outubro de 2020.

_____ Disponível em:

<https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/10/viversp_cultura_apresentacao_2019.pdf> Acesso em 15 de outubro de 2020.

_____ Disponível em:

<<https://www.nossasaopaulo.org.br/2019/09/10/metade-da-populacao-paulistana-deixa-de-visitar-parentes-e-amigosas-por-cao-da-tarifa-do-onibus/>> Acesso em 17 de outubro de 2020.

SOARES, M. C. P. *Cordelistas: trajetórias e transformações do cordel*. UFABC, 2018.